

Literatura Afro-brasileira: histórico, configurações perspectivas.

Eduardo de Assis Duarte

UFMG/CNPq

nei

NÚCLEO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DA ALTERIDADE



literafro

Portal da literatura afro-brasileira

www.lettras.ufmg.br/literafro

Portal da literatura afro-brasileira

- **120 autores**
- **Relação de 2.500 textos publicados**
- **Relação de 1.000 fontes de consulta impressas sobre esses autores**
- **700 links para outros endereços**
- **500 textos disponibilizados: contos, poemas, crônicas, trechos de romances**
- **200 artigos de recepção crítica**
- **40 artigos teóricos**
- **60 resenhas de obras recentes**

literafre

Autores

**Maria Firmina
dos Reis
(1825-1917)**

MARIA FIRMINA DOS REIS
ÚRSULA



Maria Firmina dos Reis

“Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. (...) Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio.”

(*Úrsula*, 1859, p. 116-7, grifos da autora)

Maria Firmina dos Reis

“Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa.”

(*Úrsula*, 1859, p. 116-7, grifos da autora)

Luiz Gama (1830-1882)



Luiz Gama

**Era mui bela e formosa,
Era a mais linda pretinha,
Da adusta Líbia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando c'os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava.**

(Minha mãe, 1859)

Luiz Gama

Oh Musa de Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrado,
Ante quem o leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;
Empresta-me o cabaço d' *urucungo*,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a ciência da *candimba*,
Às vias me conduz de alta grandeza.
Quero que o mundo me encarando veja,
Um retumbante Orfeu de carapinha,
Que a lira desprezando , por mesquinha
Ao som decanta de Marimba augusta;

(*Lá vai verso*, 1859)

Machado de Assis

(1839-1908)

Crônicas – *Gazeta de Notícias* (23 pseudônimos)

Contos:

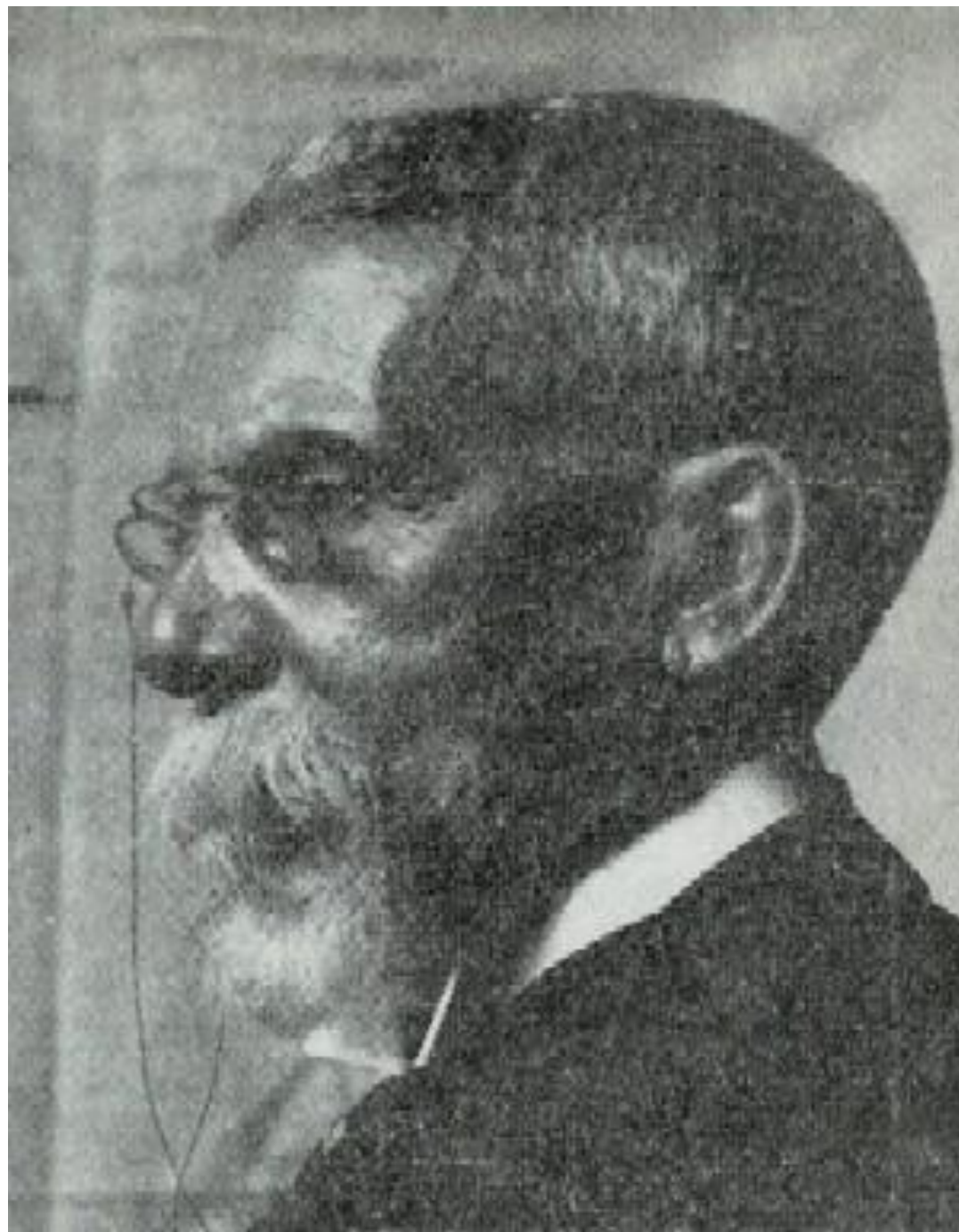
- Pai contra mãe / O caso da vara / Mariana
- O espelho / Virginius

Romances:

- *Helena, Memórias póstumas de Brás Cubas, Memorial de Aires* – leitmotiv **morte do senhor**

Poemas:

- Sabina, 13 de maio



Machado de Assis

“Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto.”

(Crônica de 14 de maio de 1893)

Machado de Assis

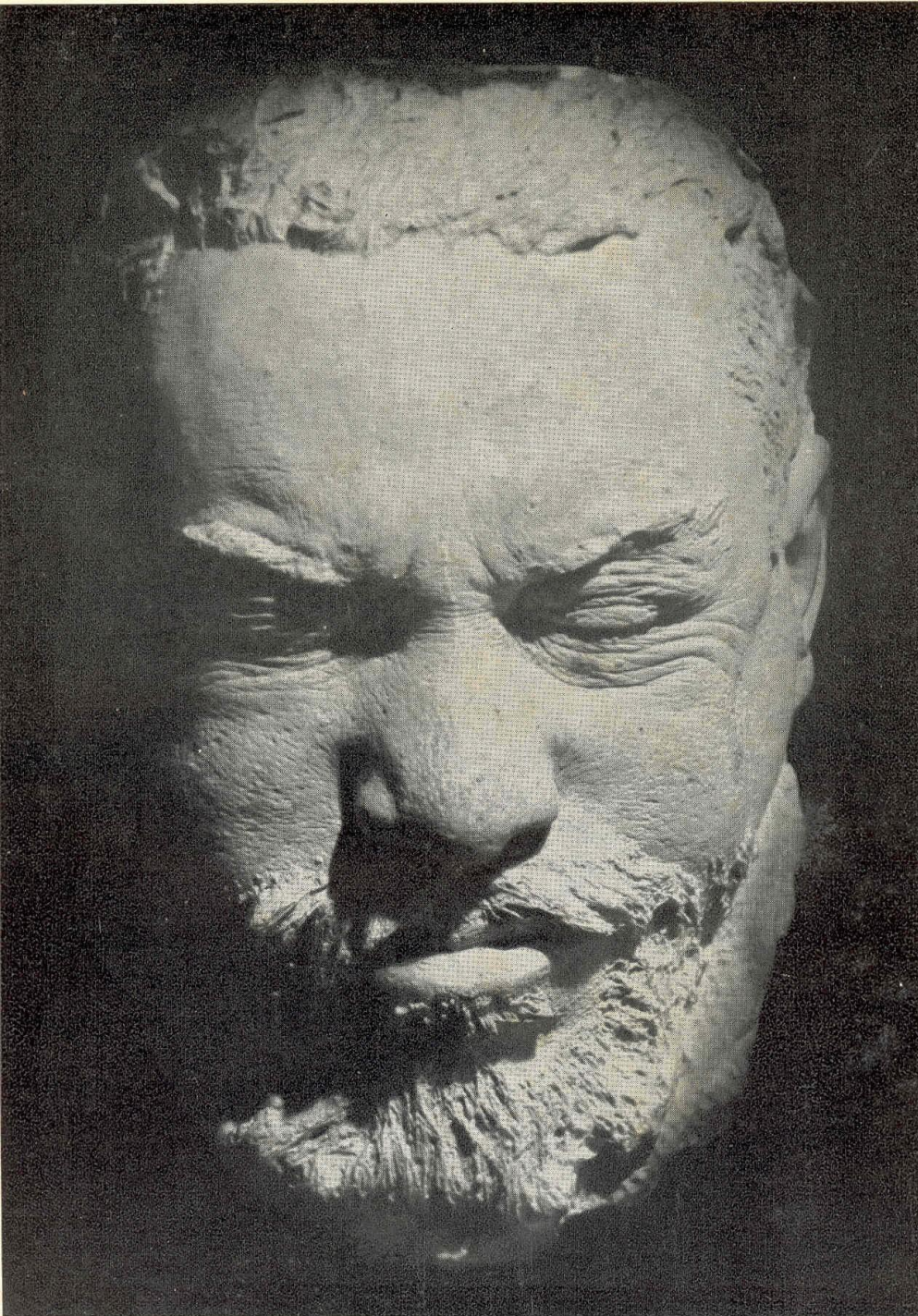
“A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dous para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado.”

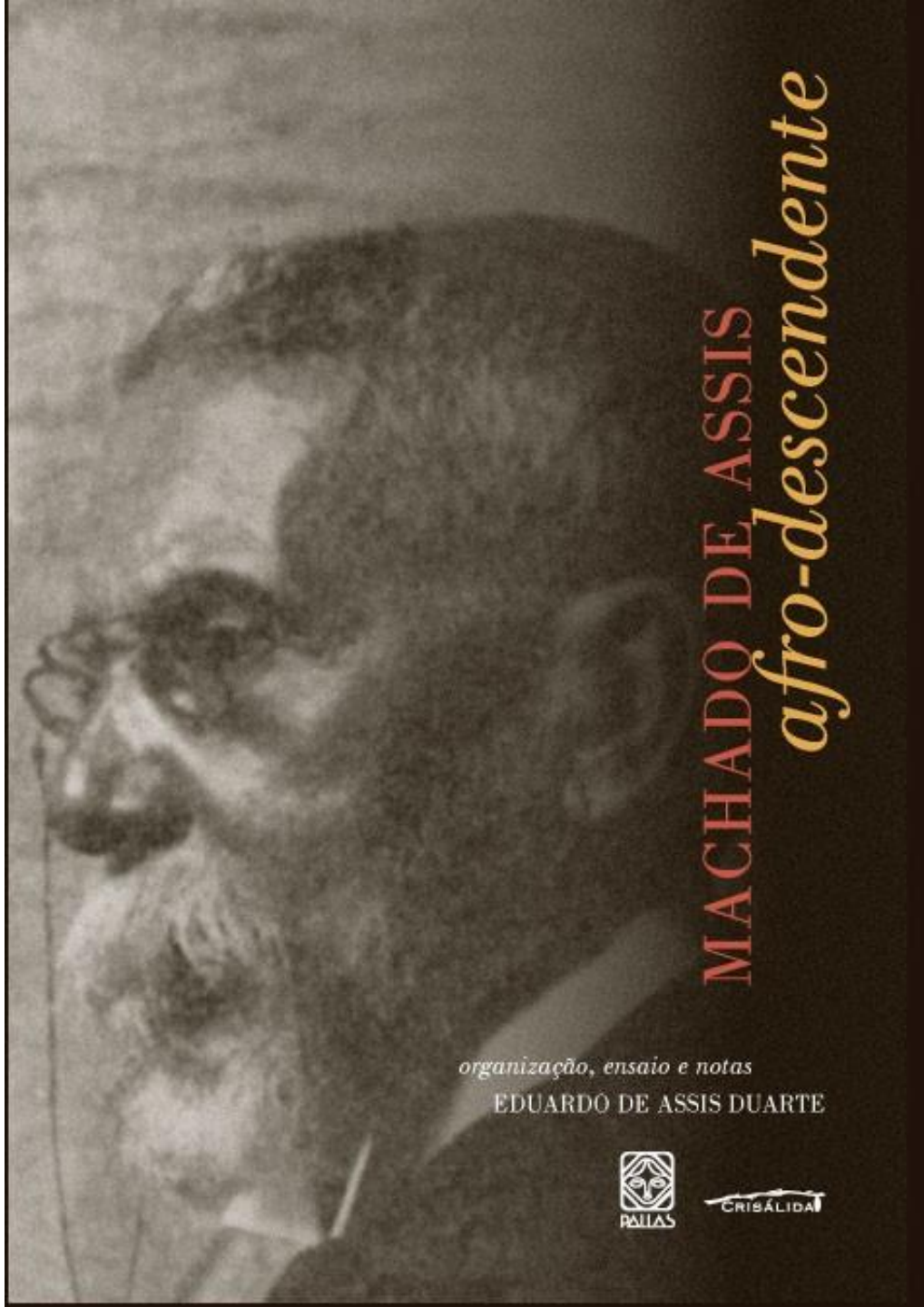
(Pai contra mãe)

Machado de Assis

“Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.”

(Pai contra mãe)





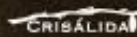
MACHADO DE ASSIS
afro-descendente

organização, ensaio e notas

EDUARDO DE ASSIS DUARTE



PALLAS



CRISÁLIDA

Lima Barreto (1881-1922)



Lima Barreto

“Recebida com altaneria por uma das filhas, disse que queria falar à mãe de Júlio. Recebeu-a esta rispidamente; mas a rapariga, com toda a coragem e com sangue-frio difícil de crer, confessou-lhe tudo, o seu erro e a sua desdita.

– Mas o que é que você quer que eu faça?

– Que ele se case comigo, fez Clara num só hausto.

– Ora, esta! Você não se enxerga! Você não vê mesmo que meu filho não é para se casar com gente da laia de você! Ele não amarrou você, ele não amordaçou você... Vá-se embora, rapariga!

Ora já se viu! Vá!”

(Clara dos Anjos, 1920)

Cruz e Sousa (1861-1898)



Cruz e Sousa

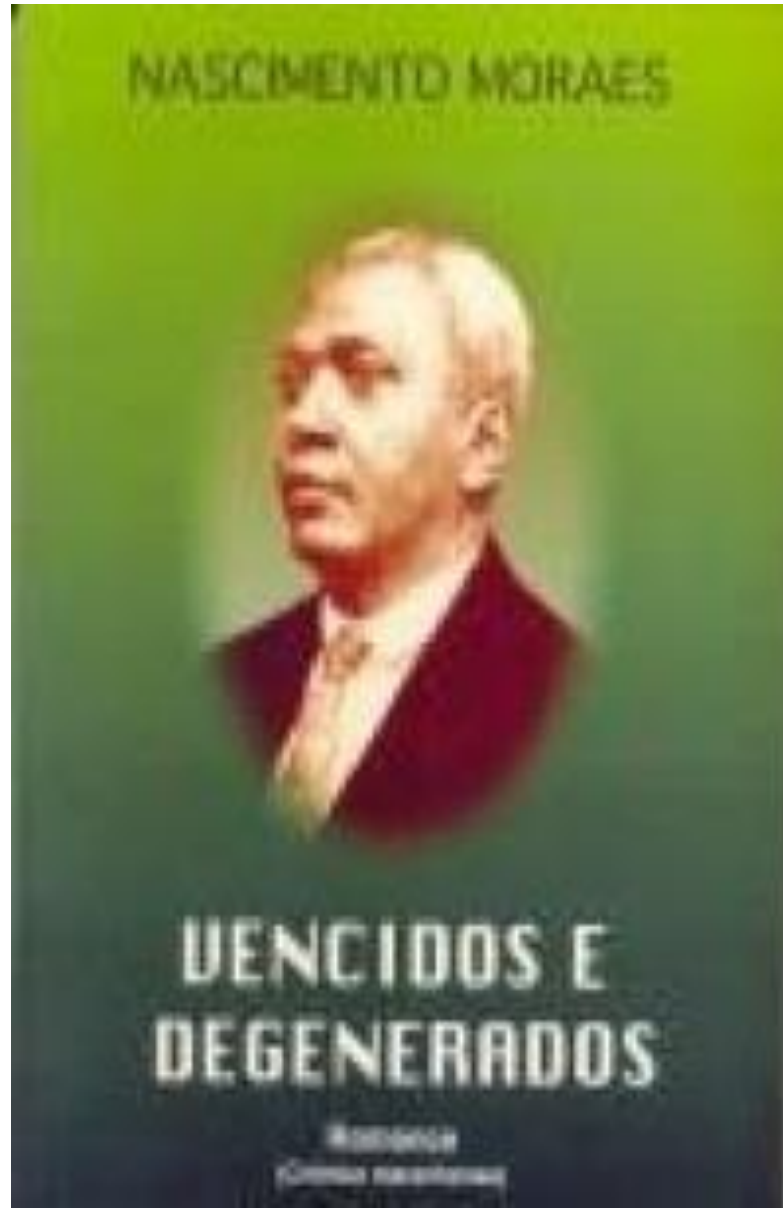
**As pequeninas, tristes criaturas
Ei-las, caminham por desertos vagos,
Sob o aguilhão de todas as torturas,
Na sede atroz de todos os afagos.**

**Vai, coração! na imensa cordilheira
Da Dor, florindo como um loiro fruto
Partindo toda a horrível gargalheira
Da chorosa falange cor do luto.**

**As crianças negras, vermes da matéria,
Colhidas do suplício a estranha rede,
Arranca-as do presídio da miséria
E com teu sangue mata-lhes a sede!**

(Crianças negras)

Nascimento Moraes (1882-1958)



Nascimento Moraes

Às oito horas da manhã do dia 13 de maio de 1888 a residência de José Maria Maranhense, na Rua São Pantaleão, uma meia-morada de bons cômodos regurgitava de gente. Ele, Maranhense, membro saliente do Clube Artístico Abolicionista Maranhense, era um dos mais ardorosos e salientes cabos-de-guerra do abolicionismo e um dos que mais se expusera pela nobilíssima causa da liberdade, não poupando em favor dela as suas pequenas economias.

(Vencidos e degenerados, 1915)

Lino Guedes (1897-1951)



Lino Guedes

**Penso que talvez ignores,
Singela e meiga Dictinha,
Que desta localidade
És a mais bela pretinha:
Se não fosse profanar-te,
Chamar-te-ia... francesinha!**

(Dictinha, 1938)

Solano Trindade (1908-1974)



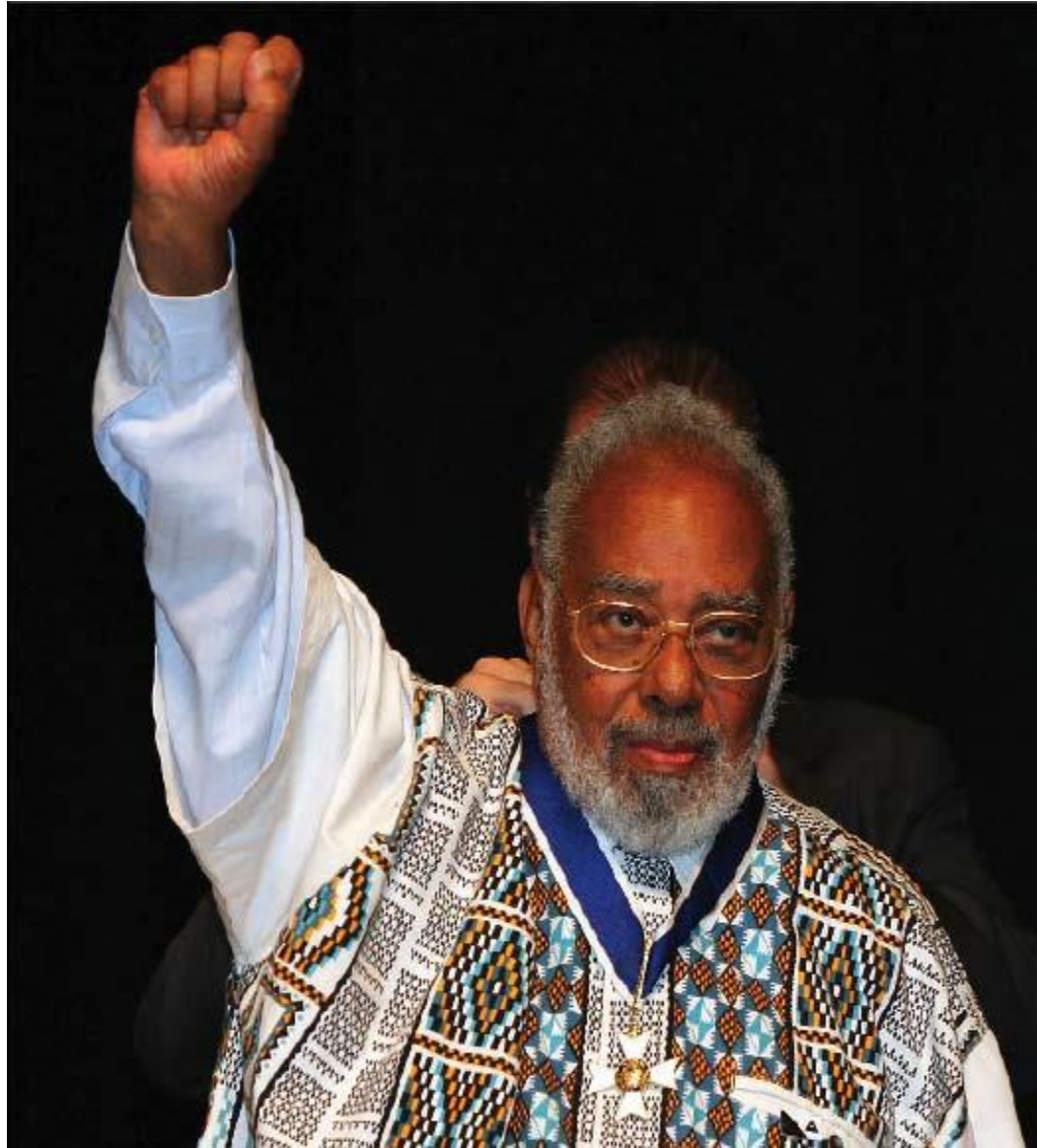
Solano Trindade

**Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs.**

**Contaram-me que meus avós
Vieram de Loanda
Como mercadoria de baixo preço
Plantaram cana pro senhor do engenho novo
E fundaram o primeiro Maracatu.**

(Sou negro)

Abdias Nascimento (1914-2011)



Abdias Nascimento

**Eis aqui o chão ancestral
debaixo dos meus pés seu coração pulsa
o vibrante tan-taneo subterrâneo
trepida a matriz da terra negra
grávida de tanta lágrima
tanta vida
tanta esperança perdida**

(Escalando a Serra da Barriga)

Oswaldo de Camargo (1936)



Oswaldo de Camargo

À memória de meu pai

Dê-me a mão.

**Meu coração pode mover o mundo
com uma pulsação ...**

**Eu tenho dentro em mim anseio e glória
que roubaram a meus pais.**

**Meu coração pode mover o mundo,
porque é o mesmo coração dos congos,
bantos e outros desgraçados,
é o mesmo.**

(Grito de angústia)

Oswaldo de Camargo

É o mesmo coração dos que são cinzas
e dormem debaixo da Capela dos Enforcados ...
é o coração da mucama
e do moleque;
e eu sei muitas canções de ninar gente branca,
sei histórias,
todas feitas à sombra das palmeiras,
ou nas margens do Nilo...

(Grito de angústia)

Carolina Maria de Jesus

(1914-1977)



Carolina Maria de Jesus

“13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatórios. (...)

...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida.”

(Quarto de despejo, p. 29)

Carolina Maria de Jesus

“...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!”

(Quarto de despejo, p. 29)

Nei Lopes (1942)



Nei Lopes

Os poetas negristas
Cabelouros bastos
Vestiam onomatopéias
E saíam nos livros
Em candombes alucinados.

[...]

Bumba sandunga
Mayombe macumba!

(Poética, p. 132)

Nei Lopes

Os poetas negristas
Costumbristas
Deslumbrados
Ouviam o galo cantar
Mas não sabiam ao certo
Onde e por quê
Candomboro
Ekondombolo, o galo,
Cantava.

(Poética, p. 132)

Conceição Evaristo (1946)



Conceição Evaristo

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

(Ponciá Vicêncio, p. 15)

Edimilson de Almeida Pereira (1963)



Miriam Alves (1952)



Ana Maria Gonçalves (1970)



Cuti (Luiz Silva, 1951)

